ANO 2.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 1922 N.º 362

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 118

MADEMOISELLE Cécile Sorel tomou parte com outros artistas da *Comédie Française*, nalgumas recitas no *His Majesty* de Londres. Regressou a Paris em avião. Um redactor da *Comœdia*, que a esperava na sua descida, preguntou á bela Célimène:

—«Fez boa viagem, minha senhora?

—Admiravel! Não conheço impressão mais cativante. Tivemos um piloto excepcional. Conseguiu evitar-nos a *dansa* que é, segundo parece, frequente, ao passar sobre o Canal, e, apezar duma bruma ligeira, gastámos sómente duas horas e meia no percurso de Londres a Paris. Estou encantada, pois, com a minha viagem.»

Com os braços carregados de flores, Mlle Cécile Sorel submete-se complacente á insistencia teimosa das objectivas, seguindo depois lentamente para o *auto* que a espera.

—«Pode dizer-me duas palavras sobre o acolhimento que lhe fez o publico de Londres? —preguntou o jornalista.

—Nunca vi tão grandiosa manifestação de simpatia. Senti realmente que os ingleses são nossos amigos...

«Tais provas de entusiasmo, transpondo o palco, por cima da Comédie Française, eram dirigidas ao proprio coração da França.

«Quando aplaudiam o *Misantropo* ou o *Avarento*, não nos aclamavam a nós artistas, mas sim ao nosso país.»

* * *

A MODA de Paris decretou que as saias curtas cedam o logar ás saias compridas. Um diario classifica o acto de ditatorial.

Nós que seguimos com muita atenção estas transformações, que formam um capitulo interesante da historia dos nossos costumes, diremos simplesmente que, quer as saias subam ou desçam, a mulher, á medida que se emancipa, tem o seu codigo numa revista de modas. As vezes não sabe onde é o escritorio do seu marido, mas nunca ignora a morada da sua modista.

* * *

É possivel, conforme diz um ilustre diplomata, que os franceses, desde a nossa entrada na guerra, nos conheçam muito bem.

Pois devemos confessar que o resultado é o mesmo que quando nos desconheciam.

Demos á França o sangue dos nossos soldados, muitos dos quais dormem, para sempre, nas terras de Flandres. Em compensação, a França cita o nosso nome, como se existissemos, desde ontem.

Após oito seculos de historia, uma gloria tamanha enche-nos de orgulho...

* * *

O SR. conde de Sabugosa publicou a palestra que, no passado mês de abril, realizou, na séde da Liga da Acção Social Cristã, intitulada — *Outra Rainha*, revertendo o produto da venda a favor das creanças pobres.

Enaltece a figura regia de D. Amelia de Orleans cuja acção fecunda e beneficente faz resaltar contra os esquecimentos do tempo.

* * *

CONSTA-NOS que se trabalha na organização duma sociedade dos Amigos da Espanha de que farão parte individuos de todas as côres politicas e sem politica alguma —escritores, jornalistas, artistas, militares, engenheiros, industriais e professores.

CONGRESSO MUNICIPALISTA

Ámanhã, sob a presidencia do sr. dr. Antonio José d'Almeida, no salão nobre dos Paços do Concelho, inaugura as suas sessões o Congresso Municipalista. Sabemos que enviarão representantes quasi todos os municipios do país.

Dedicações e esforços desinteressados há bastante tempo se veem empenhando, para que da sua celebração resulte, pelo menos, a certeza de que a democracia, entre nós, não é uma palavra sem sentido, mas uma feliz tentativa para fazer da nossa nacionalidade uma concordancia de vozes e instituições inteiramente livres.

O publico, desatento como sempre dos nossos interesses vitais, não lhe tem prestado a atenção merecida, talvez pelo facto lastimavel de ignorar que nós somos um povo que tudo deve á descentralização administrativa. Durante largos anos, os republicanos clamaram que reorganizariam Portugal, dando ás antarquias locais um campo de acção suficientemente vasto, de sorte que o poder central fosse antes um orgão de coordenação que de compressão.

Porque, uma vez implantada a Republica, não cumpriram integralmente a sua promessa?

Certamente, por julgarem que a autonomia municipal não se podia nem devia estabelecer, sem que o novo regime se sentisse tão enraizado e forte que nada tivesse a recear das forças hostis dispersas pelo país.

Embora a nós se nos afigurasse que tal razão era absurda, pois a Republica necessitava fortalecer-se, logo nos seus inicios, precisamente com o apoio das localidades, restituidas á sua tradição de administração independente, parecia que já a estas horas o parlamento devia ter aprovado um codigo administrativo completo que fosse a efectivação de velhas aspirações populares.

Não aconteceu assim, pois os diplomas administrativos em vigor não passam de meros capitulos — por sinal, cheios de deficiencias — duma obra em que ha contradições, visto que, após a lei de 1913, inspirada por um ingenuo pendor para a descentralização, logo uma corrente centralizadora se manifestou, conseguindo um pequeno triunfo.

O congresso municipalista não é, portanto, uma inutilidade palavrosa, pois corresponde a uma necessidade politica, social, economica e educativa.

O *Diario de Lisboa*, sem outro pensamento que não seja o de saudar e apoiar tudo o que signifique renascença ou progresso, vê-o com a maior simpatia.

Em vez de se pregar o regionalismo, desentoadamente, criando para os caciques um vastissimo terreno de manobras e proveitos, melhor fôra que os municipios das provincias se reunissem por intermedio dos seus delegados, a fim de debaterem entre si todos os problemas — instrução, viação, beneficencia, turismo, defesa de industrias, organização de albuns provinciais, etc. — que mais de perto lhes tocassem.

Contra o que muita gente pensa, não ha pensamento regionalista que seja digno de discussão e aplauso, antes dos municipios reentrarem na formula democratica da sua existencia.

TALVEZ...

O FREGUEZ — (lendo o titulo do livro): «**Os ultimos dias de Pompeia**». De que morreu?

O LIVREIRO—Não o sei, mas talves de alguma erupção...

O sr. João Chagas disse ao *Diario de Lisboa*, em termos que não deixam duvidas quanto á realização mais ou menos proxima do seu proposito, que vai deixar a diplomacia.

E' pois uma vaga á vista para os pretendentes aos grandes lugares, sendo quasi certo, como é, que aquele posto não se destinará a funcionarios de carreira. Ministro de Portugal em Paris! Se nós não soubessemos que o rés-do-chão do palacete da Avenue Kleber é bastante amplo, haviamos de supôr que dentro dele dificilmente se arranjaria comodo para os sonhos de todas as pessoas que de hoje em diante começam a admitir a hipotese de se tornarem grandes á força de se sentarem nos banquetes e nas conferencias ao lado de principes.

* * *

PELO meio dia, um pouco mais ou menos, andava no Calhariz um grupo de cinco crianças, de sete a oito anos, ora metidas no meio da gente que apressadamente seguia o seu caminho, ora desviando-se para a rua, expostas ao perigo dos automoveis e electricos. Não se concebe a inacção da policia, perante casos destes. Unicamente um popular —tipo de velho rabujento—se deu ao incomodo de protestar contra o desmazelo dos pais que abandonam a sua prole aos balões... das ruas.

* * *

COMO ontem previmos, o livro de Clarinha *Cinco horas...* constituiu um rumoroso sucesso de livraria, pois conta-se como vendida já a primeira edição.

* * *

RECEBEMOS o novo livro de Francisco Antonio Correia — *Politica Economica Internacional* que versa problemas da maior actualidade. Vamos lê-lo atentamente, para lhe fazermos mais demorada referencia. Sem sombra de exagero, podemos classificá-lo, desde já, de notavel.

* * *

OS *ateliers* de costura carecem de pessoal feminino. Meninas que antigamente ganhariam a sua vida com a agulha e o dedal, fizeram-se dactilografas, caixeiras de armazens, *manucures* e coristas. A vida nocturna de Lisboa, capitosa como um licor, tambem ocupa muitas, transtornando-lhes o juizo.

* * *

CONTINUAMOS a receber reclamações dos nossos assinantes que se queixam das continuas irregularidades com que lhes chega ás mãos o *Diario de Lisboa*.

Mais uma vez apelamos para o sr. Administrador Geral dos Correios.

* * *

UM senador apreciou ontem a situação do ministerio, nestes termos:

—«O actual governo está entre dois perigos — as intrigas dos seus correligionarios e o apoio das oposições. Para conter os correligionarios, seria necessario que se fizesse mais radical, para irritar as oposições devia tornar-se ainda mais conservador do que diz ser.

Assim tem que viver a praso, propondo-se air de oito em oito dias».

Tauromaquia

A corrida de Beneficencia em Algés

A corrida organizada pelo sr. Governador Civil, na Praça de Algés, embora não fosse boa, teve no entanto fases bastante animadas. A ela assistiu até ao fim o sr. Presidente da Republica, a quem todos os artistas ofereceram as sortes.

A casa que tinha uma enchente na parte do sol fraquejou, no entanto, na sombra.

O curro fornecido pelo lavrador Pósser de Andrade, saiu de mansos e alguns indo ao vulto exceptuando o 6.º e o 9.º.

1.º—P'ara Rufino da Costa. Espera este, á saida da gaiola, o animal que lhe compete, consuma a sorte, deixando um ferro regular, mais dois ferros, sendo um á tira e outro á meia volta.

Depois de preparado, é mandado pegar, fazendo Chico Marujo, uma bôa péga de cara pelo que houve bastantes aplausos.

2.º—Em «pontas» para Cadete e Alfredo. O primeiro crava dois meios pares, respectivamente gaiola e quarteio, e o segundo deixa um bom par a quarteio.

Alcalareño depois de alguns passes de capote pega na muleta e dá passes em redondo peito e um molinete cingindo-se e adornando-se bastante, sendo aplaudido.

E' anunciada por meio de um «placard» a chegada dos nossos aviadores á Baia, tocando-se a «Portuguesa» e ouvindo-se vivas.

3.º—Para Ricardo Teixeira. Este artista mais sereno que outras vezes, diligenciando agradar, coloca três férros á meia volta, fechando com um bom curto á tira.

4.º—Em pontas para Rocha e Luciano. Deixa o primeiro uma gaiola bem colocada, não agradando o trabalho do segundo; Alfredo dos Santos deu uns lances de capa vistosos e assim terminou á lide.

5.º—Em «pontas» para Alcalareño. Depois do primeiro «tercio» em que o espada não consegue brilhar, pega em bandarilhas de palmo e depois de duas boas saidas em falso, prende um bom par a cambio, continuando com os «palillos» e ao tentar cambiar de novo, é colhido aparatosamente tendo deixado ficar meio par. E' grande a emoção causada por este precalço que não teve consequencias de maior, tendo sido imediatamente recolhido o touro.

6.º—Para Justiniano Gouveia. Um ferro á meia volta e mais não disse. Alcalareño «toma los trastes» uns passes de muleta aceitaveis e é mandado pegar. Matias Leiteiro bate-lhe as palmas em frente do Sol e consegue uma péga rijissima sendo levado até junto ao touril sem que os seus companheiros pecando sempre na falta das ajudas, o que já tinha acontecido a Chico Marujo, o tivessem auxiliado a sair-se de situação tão dificil; mais união, e vejam a colocação dos forcados amadores.

Matias recebe uma grande ovação e alguns cobres, tendo o empresario Segurado contribuido tambem com o seu obolo.

7.º Em «puntas», para Custodio e Agostinho. Ambos trabalham para sobresair, adornam-se para a preparação das sortes mas o «malesso» nada ajuda. Custodio deixa um par de frente e Agostinho outro de frente bom. Mais tentativas fazem para «pinchar» mas nada mais conseguem.

8.º Para Simão pai. O seu trabalho é bastante delicente e acertado para fazer marrar o pontudo que lhe coube, procura por sortes diferentes, infilusivé cambiando terrenos cravar a ferragem, coloca dois ferros á meia volta e um á tira. Palmas.

9.º Para Simão, filho. Foi este o touro da tarde, esperando como manda a Arte, inicia o seu trabalho com uma meia volta, anima-se o artista em mais algumas sortes e crava o primeiro curto á meia volta com que findava o seu trabalho, o ferro é colocado por mão de mestre, o publico levanta-se á uma, e centenas de lenços se agitam pedindo ao artista para continuar o seu trabalho. José Casimiro acede ao pedido, novo ferro á tira, nova ovação com novo pedido e Simão, filho, crava de alto a baixo o ultimo ferro que resulta superior. O entusiasmo é enorme e o artista vem á arena agradecer a ovação delirante que lhe fazem, da qual compartilha seu pai.

10.º Em «puntas» para Alcalareño. Toureia por «veronicas», e mudando de «tercio», depois de uma saida em falso, deixa colocado um par superior cambiado com bandarilhas de palmo; como no primeiro touro que lhe coube, ao rematar o segundo cambio foi novamente colhido tendo-lhe o touro rasgado até a camisa.

Nova emoção e Alcalareño depois de refeito do susto entrega as bandarilhas ao seu peão que deixa um par a quarteio citado de largo. O publico anseia pelo final da corrida ao ver Alcalareño tomar a muleta. O tão discutido touro de morte faz sensação.

Os espectadores levantam-se manifestando o desejo de ver estoquear o animal; todos pedem ao sr. presidente da Republica e ás autoridades que isso seja consentido. A despeito de todos os pedidos, não se consegue demover as autoridades e o animal é mandado recolher. Assim termina com bastante contrariedade de parte do publico a corrida a favor dos pobres.

A ferragem empregada foi muito ordinaria, deixando por vezes ficar mal colocados os artistas. Na brega, Alfarero, Alfredo e Largo. A direcção da corrida a cargo de José Casimiro deficiente por vezes.

El Rodriguito

Na Barquinha

No dia 13 do corrente, por ocasião da grande feira de Santo Antonio, realiza-se na praça desta vila a primeira corrida da epoca, em que tomam parte os artistas Rufino da Costa, Teodoro Gonçalves, Rodrigo Largo, Agostinho Coelho e os praticantes Antonio Quartilha e Manuel Duarte.

Os touros pertencem ao lavrador Antonio da Costa Durão.

Abrilhantarão a corrida os amadores Rafael Gonçalves e Joaquim Durão.

O grupo de forcados é chefiado pelo «Chico Marujo».

Cinema Condes

Um belo programa

Um belo e variadissimo programa o de hoje, no Condes, mantendo as artisticas tradições da casa. *Odios e sacrificios*, o belissimo *film* dramatico mantem o pleno exito de agrado que merece, impressionando profundamente pelo seu emocionante entrecho.

Tambem o *film* comico *O pencudo saloio* bate o *record* da gargalhada, tão disparatados *trucs* encerra do mais imprevisto efeito.

AOS JANOTAS DE FINO GOSTO

Recomendamos o calçado Elite pela sua elegancia e solidez, estando ámanhã em exposição nas nossas vastas montras um colossal sortimento desta já conceituada marca que se vende a preços sem competencia.

Sapataria Universo, Limitada

50, Rua de Santa Justa, 52

TELEFONE N. 5067

CRONICAS DE ALÉM-MAR

A MINHA PRIMEIRA IMPRESSÃO DA CIDADE DO RECIFE

O INTERESSE QUE O "RAID" DESPERTOU EM PERNAMBUCO

O horror da celebridade em Gago Coutinho

Recife, .. Maio—Chegámos hoje, de madrugada, em frente da capital pernambucana, esta cidadesinha elegante, branca e veneziana, que se estende desde o mar para o interior, até não sei onde. Logo á entrada do porto, o vapor *Trás-os-Montes* armou em arco com todos os seus cumprimentos de boas vindas. A'quela hora, o convez estava deserto. Os passageiros de 1.ª dormiam ainda ou tinham aproveitado a demora no porto para passar uma noite em terra firme. Quem não dormia, quem encheu a popa de alvoroçado rumor e de lagrimas que eu vi nos olhos de muitos, foram os passageiros de 3.ª, os emigrantes, que trazem ainda espelhada nos olhos a saudade de Portugal. O cruzador *Republica* passou mesmo em frente do paquete. Apinharam-se todos á popa e alongaram mais a vista e quizeram beber com os olhos aquele pedaço da terra portuguesa, onde eles viam perpassar um sonho lindo, um sonho rubro de gloria, que tem o mundo inteiro tomado de assombro.

Ouviam-se exclamações de jubilo, gritos de alma, vivas que não passavam além da garganta e acabavam num extertor nostalgico, angustioso e dolorido, que me rasou os olhos de lagrimas.

Emigrantes de Portugal, em cada um vive inquieta e robustecida a ideia da Patria distante. São eles os melhores portugueses—fora de Portugal.

A primeira coisa que os jornalistas nos perguntaram, mal tivemos tempo de lavar os olhos e a ponta do nariz, foi se, realmente, vinham a bordo os aviadores. Extranhámos a pregunta. Então eles não deviam saber que os aviadores tinham ficado em Fernando Noronha, hospedes do magnanimo governador da ilha!

A razão é simples. O Recife aguarda com uma ansiedade, que é quasi loucura, a chegada dos aviadores. Quando desembarcámos, ouvimos por toda a parte falar de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral com um interesse que toca as raias do fetchismo. Nas cervejarias, nas pastelarias, nos estabelecimentos de modas há grandes mapas litogravados com o retrato dos aviadores e o itinerario do *raid* a traço vermelho.

Está já um palacio preparado para receber os navegantes do ar. Fômos vê-lo hoje. Fica distante da cidade, no que se pode chamar a linha de Cascais de Pernambuco—o bairro aristocratico do Recife. E' uma casa ajardinada a toda a volta, de uma elegancia sóbria, sem grandes linhas arquitectonicas. O almirante Gago Coutinho, não sei porquê, não se deve sentir bem lá dentro. Aquilo não se parece nada com um hidro-avião e a morada dos aviadores devia ser uma grande casa em forma de biplano, com as azas ajardinadadas, o motor armado em sala de visitas, e a cauda voltada para a casa *Fairey*.

* * *

Esta cidade do Recife, linda como uma noviça toda branca, que acordou hoje com os olhos pisados, faz-me lembrar Coimbra, se fôsse possivel estender Coimbra numa planicie e pôr o Mondego a serpentear pelas ruas, com muitas pontes e miradouros á beira da água.

Mas como ia dizendo... E' tal o interesse, o carinhoso interesse que esta gente tomou pelo *raid*, que os jornais, quando não têm uma novidade para dar aos seus leitores, precisam de inventá-la e dar-lhe fóros de cidade. Assim, o *Jornal Pequeno*, que é um simpatico vespertino, lembrou-se de dizer ha dias que os aviadores vinham incognitos a bordo do *Republica*. Toda a gente nos preguntou se eles, realmente, tinham vindo. Já havia uma sessão de homenagem, fora o mais—que é um programa do tamanho da légua da Povoa—preparadinha para receber os aviadores.

Esta celebridade que se está formando em volta deles é o maior pesadelo que persegue o sono do almirante Gago Coutinho. Mal o deixa dormir.

—Ha uma coisa que me incomoda muito: —dizia-me ele ha dias—é a celebridade. Isto de se apontar para um homem que segue o seu caminho muito socegado e dizer—«Ali vai um homem celebre»—é uma grande espiga. Eu, que costumo andar com botas de elastico, não poderei passar agora por uma rua de Lisboa á minha vontade, como dantes; não posso tomar o meu café; não posso entrar num electrico; não posso sair de um teatro, sem me apontarem logo a dedo—«aquele é que o é Gago Coutinho»—olhe, que é uma coisa triste! Decididamente, vou para a minha aldeia...

* * *

Abro a janela deste quarto de hotel onde me instalei provisoriamente — é tudo provisorio na vida — e lanço os meus olhos pela cidade. Mal a conheço ainda já gosto dela como se gosta de uma linda mulher ou de uma laranja da Baía, que tem a pele fina como a de uma freira recolhida em seu convento. Di-lo o pregão:

— Laranja da Baía... fina da pele... boa laranja... Chega até ao meu quarto o rumor de uma banda de musica, que toca alguma coisa que eu conheço, não sei de onde. Vai-se aproximando. Distingo agora duas bandas. Ouço vivas — o ulular inquieto da multidão que se aproxima.

São os eleitores que voltam do *meeting* — diz-me um amavel informador. No dia 27 reazam-se as eleições para governador do Estado. Aqueles são os partidarios do coronel Lima Castro.

— Mas aquela musica?

— E' a *Vassourinha*, um hino politico do Brasil.

E o *meeting* em marcha passou debaixo da minha janela como um rio que se espraia numa planicie. Ia uma banda á frente e outra na cauda do cortejo civico-eleitoral, tudo ao som da *Vassourinha*:

Varre, varre
minha vassourinha...
Abana, abana,
meu abanado...

Um orador popular trepou ao estribo de um *bonde* e disse:

— Meus senhores: o coronel Lima Castro já não é um candidato; o coronel Lima Castro é o governador eleito do Estado de Pernambuco; o coronel Lima Castro já era governador antes de o ser...

A assistencia rompeu numa calorosa ovação, o *bonde* continuou o seu caminho para Olinda e o *meeting* foi-se deitar, que já era tarde...

Norberto Lopes

CAMBIOS E BOLSA

SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO

Compra e venda ás melhores taxas

EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa de Sucena, D. Maria Amalia de Castelo Branco de Carvalho, D. Tereza Mendes de Almeida Belo Correia Pereira, D. Maria Leopoldina Käpfer da Cunha Pimentel, D. Alice de Araujo Marques de Freitas, D. Maria Tereza de Castelo Branco Pereira Pinto e D. Irene Rolin de Seabra Pereira.

E os srs.:

Dr. Luis Simões Ferreira, dr. José Alexandre Duffner, dr. Humberto Mendes Correia, dr. Mauricio Rodrigues de Carvalho e Francisco Ferreira Lima de Sá Camelo Lampreia.

A caridade

Em Cascais

E' ámanhã, á noite, que, nos esplendidos jardins do Sporting, o aristocratico club desta linda praia, se inaugura a elegante festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade que vivem todo o ano na antiga praia da Côrte e da qual fazem parte as seguintes: condessa de Almoster, condessa de Castro Guimarães, condessa de Vila Verde, D. Francisca Palma Travassos Valdez, D. Leonor Manuel (Atalaia), D. Luisa Maria Salema Avilez e marqueza de Penafiel, cujo produto reverte a favor do cofre da Casa de Trabalho para Raparigas Pobres, desta vila.

A festa constará de quermesse, tombola, dança, venda de refrescos, havendo na tarde do dia 11 várias surpresas para as crianças.

O festival prolongar-se-ha durante os dias 11 e 12 da noite, estando nós certissimos que durante as noites de 10, 11 e 12 e a tarde de 11 será ai que as principais familias da nossa aristocracia darão ponto de reunião.

Diplomatas

E' ámanhã que o ilustre ministro da Alemanha em Portugal oferece no Palacio da Legação, na estrada de Benfica, um jantar ao corpo diplomatico.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã nas sessões do Coliseu dos Recreios e na «soirée» da moda Cinema Condes.

Em viagem

Parte hoje no comboio da noite para Aibergaria-a-Velha, estando de volta na proxima semana, o sr. Zuzarte de Mendonça (filho).

—Partiram para Paço de Arcos os srs. Jorge Luis Satiro da Silva e Alberto Nicolau da Silva.

NO TEATRO CHIADO TERRASSE

AS RECITAS DA MODA COM A REVISTA «TIRO AO ALVO»

E A EMPOLGANTE APOTEOSE AOS HEROICOS AVIADORES

A concorrencia do publico ao Teatro Chiado Terrasse tem demonstrado, á evidencia, que a revista «Tiro ao Alvo!» não necessita de reclames.

Todas as noites o publico, que tem enchido literalmente a elegante sala do Teatro Chiado Terrasse, faz repetir os numeros de maior sensação da revista «Tiro ao alvo!». E, assim, o dueto dos automobilistas, o fado do «Belezas», as cantigas do aero-plão, as bonécas francesas, o musico de Fanhões e sua filha Marieta e o hilariante quadro do «Caso grave» ouvem da numerosa assistencia os mais efusivos aplausos. A apoteose final, a chegada do hidro-avião á baia do Rio de Janeiro, tem despertado nestes dias gloriosos empolgantes ovações, que atingem o seu auge no momento em que, no arco triunfal, aparecem os retratos dos dois heroicos aviadores. A revista «Tiro ao alvo!» repete-se hoje.

ROCHA MARTINS

MEMORIAS

SOBRE

SIDONIO PAIS

Magnifico volume em papel simile-couché profusamente ilustrado, contendo grande copia dos mais importantes documentos historicos do periodo dezembrista.

A' venda em toda a parte

Pedidos ao "A B C", R. do Alecrim, 65

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

PAGINAS PARA A HISTORIA

HORAS DE ANSIEDADE!

SETE PORTUGUESES

aguardam a chegada do "Fairey 16" á ilha Fernando Noronha

(Do nosso enviado especial)

Fernando Noronha, . . Maio. — Os aviadores deviam estar de volta ás cinco e meia da tarde. Calculando que o aparelho voasse a uma velocidade média de 80 milhas á hora, como nos disse o comandante Sacadura, em oito horas e meia teria percorrido os 670 milhas — números exactos — da viagem de ida e volta ao penedo de S. Pedro. O motor devia consumir 81 litros de gazolina por hora, segundo o que estava previsto. Logo, tinha combustivel para cêrca de 9 horas de vôo. Mas como perdeu um quarto de hora na baia a aquecer o motor, ficava apenas um quarto de hora de gazolina alem da stritamente necessária para voar 670 milhas com vento contrário. Tudo estava previsto, matematicamente previsto.

* * *

O escaler do *Republica* tinha ordem para amarrar á boia, onde o avião devia descer, pouco depois das 15 horas.

Em Fernando Noronha, desde que o avião partiu, não se falou de outra coisa. Ainda a hora da chegada não se aproximava e já os olhares se voltavam na direcção do penedo, numa ansiedade quasi portuguesa e tão sincera como se o almirante Gago Coutinho tivesse nascido na povoação de Quixaba e o comandante Sacadura Cabral na baía de Sueste.

Entrámos na *balsa* ao ombros de quatro presidiarios, que nos vinte passos que separam a praia da jangada falaram apenas do «passaro grande» que devia aparecer por cima da ilha de S. José, quando o sol mergulhasse no horisonte.

Moisés, um pretalhão que tem no olhar a humildade santa dos vencidos, que vai á minha esquerda a segurar a charola em que somos transportados para a *balsa*, lança um olhar demorado pelo canal que separa a ilha dos Ratos da ilha de S. José, e acena, desconsolado, com a cabeça, como quem diz — ainda não chegou.

Nhôr Braz insiste na sua de escrever uma carta *á siôra de presidente*, a pedir a comutação da pena. Tinha 19 anos quando foi condenado a 28 de presidio.

—Com 33 anos, já tenho cabelo branco, *siô*.

E tira o *bonet*, para mostrar que não está á mentir.

—Uma pessoa está aqui sem ganhá, a comê somente fáinha di pau, a sécá, a sécá... Qual é o corpo qui résiste a este cativêro?...

E começou a falar de Lisboa, onde preferiria ter sido condenado, porque tem conhecimento de que em Lisboa há muitos perdões (talvez quizesse chamar ao seu caso um crime politico e aos perdões amnistias) e «uma péssoa nunca acaba di fazê vint,oito anos».

—E' a vida duma péssoa, *siô*.

* * *

A's 15 horas entrámos no escaler. O sol queimava. Acastelavam-se nuvens no horisonte.

—Rema para a boia!

Dois marinheiros lançaram os remos na agua e a embarcação singrou pela baía até junto da boia onde o *Fairey 16* devia amarar.

Iam naquela embarcação sete portugueses, os unicos que áquela hora, em Fernando Noronha, aguardavam a chegada do avião.

O sol ia declinando. Armámos um toldo para nos protegermos do calor. O escaler bailava como uma casquinha de noz á tona de agua.

Na nossa frente, levantava-se o pico grande da ilha, um morro altissimo que tem a forma inclinada do Corcovado. O mecanico que estava connosco, e que no dia da nossa chegada voou sobre a baía com o comandante Sacadura, limita-se a dizer:

—Lá em cima é três vezes mais alto do que parece á primeira vista.

O pau em cruz onde são içados os sinais do semaforo, no alto do monte que lhe fica em frente, dava-nos a impressão lugubre do Golgotha, na noite em que morreu Jesus.

* * *

A's 17 e meia já tinhamos olhado para o relogio não sei quantes vezes. Por cima dos rochedos que limitam a ilha pelo norte, os urubús voavam a grande altura. Um ou outro afastava-se do bando e aparecia já de regresso, lá longe, a confundir-se com a linha do horisonte. Ah, serenissimo e negro urubú, quantos segundos de frustrada alegria tu nos fizeste viver!

—Lá vem ele! Lá vem ele!

Longe, muito longe, a aza negra e serena do urubú, que era branca para nós, confundia-se com o vôo elegante de um avião que trouxesse o rumo de Fernando Noronha. A ilusão era passageira. Logo o enorme passaro agitava as azas e mudava de direcção, ao sabor do seu instinto ou da sua fantasia.

* * *

Seis horas menos um quarto. O escaler do faroleiro levou-nos ao «destroyer» *Pará*. A embarcação do *Republica* lá ficou. Que lhe mandassemos noticias, se houvesse alguma novidade.

Quando saltámos para o navio, já o comandante Orlando Machado tinha mandado acender as caldeiras. Recebeu-nos o imediato com aquela gentileza brasileira que nos tem cercado sempre, desde a nossa saída de Lisboa.

—Se não vier até ás 7 horas—disse-nos o comandante—levanto ferro e vou até ao ponto onde o *Republica* devia ter chegado.

—Sabe-se já alguma coisa, comandante?

—Que o *Republica*, até ás 17 e meia, pela hora de bordo, ainda não tinha avistado o hidro-avião.

O *Pará* tem a hora do Rio de Janeiro, isto é, uma hora menos em relação ao *Republica*.

—A estação radiotelegrafica de Fernando Noronha não teria recebido já noticias...

—Desde as 16 e meia que o *Republica* está a chamar, sem lhe responderem. Tinham ordem de prestar a maxima atenção ás chamadas do vosso cruzador...

—Podiamos ir para o mar ao encontro dos aviadores...—fizemos nós, a preparar o terreno para embarcar no *destroyer*.

—O meu navio não tem comodidades... joga muito...

—Estamos dispostos a tudo, sr. comandante. São os ossos do oficio...

—Não! Não! E' melhor não irem...

Era uma recusa formal. Insistimos. Nova recusa, embora tocada de uma delicadeza, que agradecemos muito, quando nos despedimos. Uma chaminé começou logo a fumegar. Ouvia-se o ruido das maquinas, lá em baixo, no reino de Satanaz. O *destroyer* ia partir e com ele a nossa ultima esperança de ir ao encontro dos aviadores. Sentimo-nos mais naufragos do que nunca—os naufragos da ilha Fernando Noronha!

* * *

Entrámos no escaler com o coração mais pequeno do que um ovo de pomba. Estavamos condenados a esperar em terra, a viver em terra as horas de ansiedade indescritivel que se iam aproximando.

Outra vez a *balsa*, outra vez a cadeirinha, outra vez os quatro presidiarios e *nhôr* Braz, o patife! a receiar já que a sua carta não fôsse entregue a madame Epitacio Pessoa.

* * *

Quando a cadeirinha veiu para nos levar para terra, o sol tinha-se escondido já por detraz de uma cordilheira de nuvens, que se estendia de norte a oeste, numa decoração impressionante de mau presagio. O poente estava todo em fogo e sobre o mar corria uma lingua vermelha, que tornava a agua em sangue e punha tons amarelados no rosto das pessoas e nos longes da paizagem.

Contaram-me que foi tambem assim, quando o *Lusitania* ficou sepultado junto dos penedos. A' face da meteorologia, isto prova apenas que no Equador são frequentes os aguaceiros e que uma nuvem carregada de agua a passar em frente do sol, no ocaso, é de um efeito scenico deslumbrante e de alguma maneira nos recorda um conto maravilhoso das *Mil uma e noites*. Ha ainda a superstição, que é um prejuizo das pessoas que com muita facilidade se deixam impressionar pelo acaso, que põe assim o problema: quando duas ou mais circunstancias estiverem ligadas ao mesmo acontecimento, sempre que se dê uma dessas circunstancias, o acontecimento repete-se.

O Colaço viu logo de manhã uma aranha a trepar pela parede do quarto. Alguem entornou tinta nesse dia; a mulher de *siô* Teixeira quebrou um espelho; em cima da mesa, depois do almoço, ficaram duas facas em cruz e *nhôr* Firmino viu a lua, a lua cheia de maio, que passava através da vidraça e punha scintilações de prata lisa nas folhas das palmeiras.

* * *

O escaler do *Republica* desamarrou da boia e remou em direcção ao *Pará*. Iam dentro cinco marinheiros, que eu vejo agora á luz da serenidade aureolados pelo mesmo resplendor de beleza e de sagrada comoção que naquele minuto supremo de ansiedade todos podiam ver a cercar-lhes a fronte. Quando falaram ao comandante; quando pediram noticias dos aviadores, alguns tinham lagrimas nos olhos e lagrimas na voz.

Oh! as horas de ansiedade, as horas de inquietação, as horas de angustia — sim, as horas de angustia! — que aqueles cinco marinheiros viveram e que nós vivemos em Fernando Noronha! Ninguem dirá que é pueril confessar, com o coração nas mãos — e nós temos mais coração do que cabeça—que tambem nós chorámos, nesta ilha perdida do Atlantico, sem uma noticia, sem um boato ao menos que nos deixasse entrever um vislumbre da verdade.

A estação radiotelegrafica recebeu os primeiros telegramas do comandante do *Republica* para o ministro da Marinha em cifra — a misteriosa cifra das grandes noticias. Vieram depois novos telegramas, que os telegrafistas da marinha e do cabo submarino francês, por onde seguiam para a Europa, se recusaram a facultar aos jornalistas—o segredo profissional levado ao exagero, numa hora em que o mundo inteiro pedia noticias dos aviadores portugueses!

De Pernambuco, da Baía, do Rio de Janeiro e de Buenos Aires preguntavam constantemente:

—Já ha noticias dos aviadores?

Não sei o que teria respondido a esfinge de M. Cavalero, o chefe da estação do cabo submarino, que se recusou sistematicamente a fornecer uma indicação aos dois jornalistas portugueses que vieram a Fernando Noronha. Em tudo o mais, diga-se de passagem, foi de uma cativante amabilidade.

* * *

A noite fechou-se completamente. A lua cheia apareceu, como um grande disco de prata, por detrás do posto meteorologico, que me deu a impressão de que a tinha guardada numa caixinha, onde cada fase da lua ocupa uma divisão e tem uma etiqueta numerada, com a indicação do dia em que deve ser posta na montra: *11 de maio—Lua cheia*.

Ainda havia uma esperança. Há sempre uma esperança no coração de um português. Qualquer avaria simples, reparada no alto mar, e eles que vinham por aí abaixo, guiados pelos astros e pelo farol, que, de vinte em vinte segundos, tinha uma rotação luminosa de grande intensidade.

Deixei-me ficar na praia, onde os presidiarios que fazem serviço na *balsa* discutiam em voz baixa se ele chegaria de noite ou de madrugada, ao raiar da aurora.

O Gaudencio, que é um homem viajado e que já fugiu uma vez para Pernambuco numa jangada—trezentas e não sei quantas milhas sobre o Atlantico, com uma vela rudimentar a receber o impulso do vento—deu em formar-se ave de mau agouro e teve até esta frase:

—Qui pena eu tenho do velhinho dánado.

—E' o almirante Gago Coutinho.

* * *

Do *Pará* sai uma embarcação que leva uma luzinha á proa. E' a luzinha de Portugal; é o escaler do *Republica* que volta a ocupar o seu posto. Aqueles cinco marinheiros—alguns são mecanicos da Aviação Maritima—vão esperar ainda por largas horas a chegada do avião; aqueles cinco marinheiros cumprem o seu dever com uma abnegação que é um alto exemplo de disciplina diante do qual temos de nos curvar.

A luzinha vai riscando a salva de prata da baía, a balouçar como uma casca de laranja no dorso da onda. Amarrou agora á boia. Lá ficam eles á espera...

* * *

O *Pará* demorou ainda algum tempo a levantar ferro. A's 20 horas largou da baía e tomou o rumo do penedo. Fiquei sosinho na praia. Não! Havia ainda os homens da *balsa*, o Moisés, o João Brás, o Gaudencio, o Fremelino—os quatros presidiarios que sentiam como eu sentia a ausencia prolongada dos aviadores.

O João Brás—um pretalhão que tem quasi dois metros de altura — antes de eles partirem, já contava com a comutação da pena e voltava-se para os homens da *balsa*, que não sabiam trabalhar como ele queria e dizia:

—*Ai! qui farta vai fazê o negrinho!*

* * *

A's 3 horas da madrugada ainda não tinhamos uma noticia positiva e estavamos a 170 milhas do ponto onde o *Fairey 16* tinha naufragado! Em Fernando Noronha houve gente que não dormiu aquela noite. Na igreja tinham-se feito preces pelo feliz regresso dos aviadores.

Foi só alguns minutos depois que, por uma indiscreção — descanse M. Cavalero, que não vou comprometê-lo — conseguimos mandar para Lisboa este cabograma:

Provavelmente perdidos. Pesquizas Pará e Republica *infrutiferas*.

Na estação radiotelegrafica, a muito custo, aceitaram um radio para bordo do *Republica*. A resposta chegou ás 5 e meia da manhã. Dizia assim:

«*Estou á vista vapor inglês «Paris-City», que encontrou aviadores. Cumprimentos.*== Comandante «Republica».

Estavam salvos! Corremos ao telegrafo. A esta hora, pensavamos nós, Lisboa já deve saber, por outra via, que a boa estrela de Gago Coutinho e Sacadura Cabral—os dois portugueses mais falados em todo o mundo neste primeiro quartel do seculo XX—mais uma vez os protegeu da morte, depois de lhes ter quebrado as azas.

Norberto Lopes

NACIONAL A'manhã sabado
8. a ultima recita de assinatura
Primeira representação,
nesta epoca, da peça em 5 actos
O CONDENADO
original de AFONSO GAYO. Tomam parte no desempenho Palmira Torres, Irene Grave, Laura Hirsch, Ana de Oliveira, Maria Helena, Maria do Pilar, Joaquim Costa, Augusto de Melo, Clemente Pinto, Jorge Grave, Luis Leitão, Antonio Nascimento e Teixeira Soares. A peça é apresentada com todo o aparato, decorrendo a sua acção nos arredores de Leiria

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
COMPANHIA OTELO DE CARVALHO
HOJE — Duas sessões
FESTA ARTISTICA de Laura Costa
que desempenhará pela 1.ª vez, no 1.º quadro
O NOVO FADO DO AMOR
e no quadro novo A FLORINHA DA RUA
Cançonetas francesas por Angela Barros
ESTREIA do quadro, desempenhado por toda a Companhia «Propaganda de Portugal» ampliando a graciosissima revista
Piparote
Bilhetes á venda

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Bluff

Na varanda do Casino do Estoril ELE — grisalho, glabro, vaga semelhança de Collin na Danseuse Rouge. *ELA — loira, fina, fragil — vestido preto, um grande chupeu preto com uma flor exotica vermelha,*

.....

ELA — Nada disso me desilude já, quanto a si, mas desilude-me ainda quanto ao que eu julguei merecer-lhe...

ELE — E' que você interpretou mal as minhas palavras... Evidentemente não lhes damos o mesmo valor.

ELA — Tem rasão. Sem duvida não damos o mesmo valor, nem a mesma interpretação ás palavras e aos factos. Quando há tempo nos afastámos, por motivos independentes da nossa vontade, pensei que o seu desgosto era egual ao meu,.. ou maior. O apaixonado era você...

ELE — Mas quem diz o contrario?...

ELA — Agora confessa-me, gentilmente, que tem tido devaneios... *talvez para se distrair?*

ELE — E então?...

ELA — O termo é encantador — devaneios!... O devaneio *subentende uma tal despreocupação, uma tal liberdade de espirito, uma tal mocidade, que realmente me parecia incompativel com a sua idade, com a sua situação e com o desgosto, a tortura moral que eu lhe atribuia!*

ELE — Se algumas pessoas interessantes passaram no meu caminho, que importa o que eu lhes disse e que isso me prendesse uns instantes?

ELA — Não importa nada... Devaneio *é então uma alcunha antiquada que você dá ao* flirt? *Se fosse uma aventura,* à la bonne heure! *podia citá-la como tentativa para esquecer. Mas não...* Flirts!... *como um rapaz frivolo, ocioso, banal... E diz-mo, a mim, que o admirei julgando-o diferente dos outros, por me parecer um homem superior, um homem de inteligencia, de trabalho, de coração!...*

ELE — E agora julga que não sou nada disso?

ELA — Não sei... Não consigo adaptar os dois aspectos... E' incrivel que os homens, que mentem, com uma facilidade extrema, para afirmar o que não sentem, não mintam por delicadesa e por coquetterie *até, para conservarem uma linha moral elevada ou pelo menos elegante aos olhos duma mulher, sobretudo duma mulher a quem agradaram principalmente sob esse ponto de vista.*

ELE — Quere dizer que me desprestigiei por completo aos seus olhos? E' talvez melhor... Compreende?

ELA — Abnegação pura!... E' de tudo o menos verosimil... O cuidado que você tem para que eu não sofra... é tocante!

ELE — Tudo o que eu diga de nada serve e será mau, sempre, por uma ou por outra razão...

ELA — E' que, deveras, você não está muito eloquente. O peor de tudo isto é que uma mulher, que não tenha vocação para a escola moderna, joga muitas vezes a tranquilidade, o coração, a vida, num bluff *sentimental...*

Maria de Carvalho

O Santo Antonio em Sintra

SINTRA, 8 — Realizam-se em Sintra nos proximos dias 11, 12 e 13 de Junho as festas de Santo Antonio as quais prometem ser revestidas do maximo brilhantismo. A festa religiosa efectua-se na igreja de S. Martinho, a qual se acha vistosamente ornamentada. Ao meio dia haverá missa solemne com exposição do Santissimo e sermão pelo reverendo Vacondeus e ás 4 horas reposição do Santissimo. O arraial será abrilhantado pelas bandas de Montelavar e Aliados de S. Pedro e constará de quermesse e outras diversões. A comissão tem sido auxiliada por um grupo de meninas as quais ostentarão trajos regionais.

Café Restaurant Roma

(Antiga Flôr de S. Roque)

100 — RUA DO MUNDO — 104

Optimo serviço á lista e jantares de mesa redonda.

Fornece serviços completos de «lunchs», jantares e «soirées».

—— Preços sem competencia ——

UMA VAGA EM PARIS

JOÃO CHAGAS

deixa a diplomacia e volta ao jornalismo

Assim o declara, em termos categoricos, ao "Diario de Lisboa"

O mais que se disse numa conversa de vinte minutos

O sr. João Chagas está velho. Lembro-me ainda muito bem da sua cabeça negra, onde fazia mancha uma madeixa clara, sobre a fronte audaciosa de polemista, mais homem de jornal que de comicio. Agora está quasi branco — como fica bem á diplomacia, e pouco falta á sua figura vigorosa para lhe chamarmos venerando. Não tardará. Os anos agora caminham a dobrar, assim como as subvenções.

Encontrámos o ministro no Avenida Palace. Diz-se que João Chagas é inabordavel para jornalistas. É possivel. A diplomacia — obriga, como a nobreza, quando é de sangue. É possivel — mas não é verdade.

O sr. João Chagas, que sonbe ser sempre elegante a escrever, sabe tambem ser elegante a inspirar artigos. Conversa; conversa talvez com reservas, com prudencia, tacteando, observando, escusando-se, impondo a sua pessoa, conscio do seu prestigio como algumas mulheres da sua beleza. Mas vai dizendo. Adivinha-se neste homem, que já não é do meu tempo e luta pelo seu tempo, uma certa prosapia digna, que não chega a irritar, e dá caracter, como nas tabuas holandesas antigas as linhas severas do rosto.

Toma café, fuma cigarros fracos, usa camisa de riscas azuis sobre o branco, tem um colarinho justo segurando uma gravata azul escuro, e o seu fato é de muito bom córte. No tempo em que o sr. João Chagas fazia jornalismo, estes detalhes eram coisa de somenos. Agora — isto usa-se. Uma moda, como outra qualquer.

Suponha-se agora o diplomata em boa disposição, *après le dejeuner*, adivinhe o leitor o seu olhar obliquo e viril, imagine um certo ar desdenhoso no labio flacido, mas menos que o do sr. D. João VI da camara de Queluz, e tem o homem.

Tinhamos de começar:

—Gostariamos de ouvir v. ex.ª sobre a politica portuguesa...

—Sobre politica interna? Mas não devo dizer nada. Um ministro não deve intrometer-se nos negocios politicos do seu país. Compreende?

—Sim... Mas suponho que v. ex.ª, que foi jornalista, não se admirará que eu insista. Expôr v. ex.ª uma opinião, não me parece que o irá comprometer...

—Não digo nada. Não tenho que dizer. E' contra os meus principios. De resto, tenho opiniões, mas guardo-as para mim. Fui jornalista. Mas não preguntava as opiniões dos outros. Tinha, e punha as minhas.

—Agora tambem se faz isso... Mesmo pôr as opiniões dos outros, de certa maneira, é até certo ponto colocar as nossas.

—Não tenho que dizer. Estavamos bem arranjados, se todos os ministros acreditados de Portugal viessem cá expôr as suas opiniões.

Ficamos á espera. Sentimos que o diplomata estava com certa vontade de dizer qualquer coisa. Ele prosseguiu:

— Em Portugal todos se permitem ter opiniões, até os que não têm nenhum direito a tê-las. Depois não me julgo no direito de vir fomentar ainda mais a profunda anarquia mental que para aí lavra.

Bebeu o seu café. Tudo o que aí fica, mais ou menos, foi dito num ar gentil, de pessoa que desejaria não ser diplomata, para poder falar, falar á larga, dizer tudo, sem azedume. Ou com azedume — que é uma coisa que num homem de espirito tem sempre muito espirito.

—Profunda anarquia mental... E' uma opinião — pensámos. E dissemos:

—Como v. ex.ª vê, exactamente para ir ao encontro dos seus naturais e mais que previstos escrupulos, não lhe preguntamos nada sobre politica internacional...

—Ah! A politica internacional...

—Nem Genova, nem França.

—Mesmo não lhe diria nada. Entre Portugal e a França não ha nenhum, nenhum negocio pendente. Nada. Está tudo em dia.

—São optimas as relações entre os dois países. Optimas. Sobre Genova...

—Muito menos — pensámos.

—Ah! Está ai o dr. Teixeira Gomes. Este é que lhe poderia dizer coisas interessantes. Interessantissimas...

O nosso Ministro em Londres acabara justamente de cortar o salão com a sua figura severa, magra, muito branca já, passitos apressados, fazendo fumo de um cigarro que devia ser, como ele, fraco, elegante, discreto.

—Já interrogámos o sr. dr. Teixeira Gomes e ele não quiz dizer nada.

Era certo. E até acrescentára: «eu se fôsse Ministro dos Estrangeiros demitia imediatamente qualquer Ministro que désse uma entrevista, duas palavras que fôssem, a um jornalista».

Mas o sr. João Chagas prossegue:

—Tambem não compreendo o motivo porque tantas pessoas me têm procurado para me ouvir...

—Ah! sr. ministro. O publico exige...

—De mim? (gesto de modestia diplomatica) De mim? Não estou filiado em partido algum! Não sou nada, mesmo nada partidario...

Dissemos qualquer coisa para justificar o nosso publico e o nosso jornalismo. Tempo perdido. O antigo jornalista auxiliou, numa clareira de disposição:

—Mas pregunte. Gosto de ouvi-lo...

—Que pensa do jornalismo do nosso tempo?

—Ah! Isso sim! Agora já lhe posso falar mais á vontade. Pregunte. Pregunte.

—Diz-se, diz-se para aí, que v. ex.ª esteve para voltar ao jornalismo, deixar a diplomacia.

—Sim, senhor!

E repetiu:

—Sim, senhor! Estou nessa intenção. Digo-lhe uma coisa que não disse ainda a ninguem. E' verdade. Vou deixar a diplomacia. Vou voltar a ser jornalista.

—Muito bem...

—Muito bem, porquê?

A pregunta saiu ao diplomata um pouco jornalisticamente. Nós fizemos três justificações do nosso *muito bem*. E logo a seguir:

—Mas quando?

—Lá isso... Já lhe fiz uma revelação importante. Já é uma noticia. Quando? Imagina que uma pessoa pode vir assim de Paris para Lisboa sem mais nem menos?

—Mas breve, três meses?

—Dois meses? Sei lá. Ha três anos que acaricio a ideia de deixar Paris, abandonar a diplomacia. Estou tratando disso. Sei lá, ainda. Isso são detalhes domesticos. Eu não sou representante de Portugal em Paris com meia duzia de malas. Vivo em Paris ha doze anos; tenho casa. Tenho uma casa. Só livros, 4:000 volumes. Uma instalação. Isso não se transfere assim. Eu não estou em Paris com seis camisas dentro de uma mala.

—Vem fundar um jornal?

—Não me pregunte mais. Já lhe dei uma noticia. Preciso pensar. Ainda não participei as minhas intenções ao sr. ministro dos Estrangeiros. Tambem não tenho nada que lhe participar. Peço apenas a minha passagem á disponibilidade. Como sabe, sou do quadro.

Falámos — pouco, com reservas, certo *aplomo* da banda do ministro — falámos de jornalismo. O sr. João Chagas, que diz conhecer-nos de leitura, nota que os nossos jornalistas agora «começam muito cedo. Novatos. Chegam aqui nem sabem o que hão-de preguntar». Sorrimos. O antigo jornalista politico talvez desconheça que *não saber preguntar* é uma maneira. Daí a sua injustiça. Mas a conversa toma certo rumo, que nos permite insistir:

—V. ex.ª então irá fundar um jornal?

—Eu? Já estou velho para fazer jornais...

Segue-se pois que o antigo panfletario virá fazer jornalismo num jornal já existente. Mas qual? A pergunta está indicada... para não se fazer. Mas não se interrogue o leitor, que se engana. O sr. João Chagas, agora, muito dentro do seu papel de diplomata, disciplinados os impetos e os nervos politicos — nervos politicos são uma tara em muitas pessoas saudaveis e de bom espirito —; o sr. João Chagas, mortinho por desabafar, por dizer da sua justiça, apenas deixa cair:

—Ha muita coisa que escrever!

O que é um mundo de promessas, para a sua pena panfletaria, experimentada, batida de ventos fortes, nos areais da politica e da intriga a grande pano.

Ficamos ainda á espera. Mas o ministro, que desejaria talvez que o jornalismo e a politica — duas coisas lindas contaminadas! — fossem só exercidos pelos processos com que se faziam politica e jornalismo ha 20 anos, quere ser gentil comnosco mais uma vez e diz-nos a fechar, num mencio de cabeça, que deixa vêr melhor os seus olhos desiguais, como os da Duqueza Josiane:

—Quando eu deixar de ser diplomata e voltar a ser jornalista, então procure-me. Falar-lhe-ei claro, como é proprio do meu feitio. Por agora a revelação que lhe fiz, já basta.

E bastava. A volta de João Chagas ao jornalismo português é só por si um acontecimento.

VIAJANTES

Esteve em Lisboa e deu-nos o prazer da ua visita, o sr. Joaquim Soares, gerente da sucursal da casa Pinto & Sotto Mayor, no Porto.

MALAS POSTAES PELO "DESNA,,

Pelo *Desna* são ámanhã expedidas malas postais para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

LÊR NAS 2.ª E 3.ª PAGINAS:

CRONICAS DE NORBERTO LOPES

HORAS DE ANSIEDADE PASSADAS EM FERNANDO NORONHA

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA CIDADE DE PERNAMBUCO

LÊR ÁMANHÃ:

Entrevista com a sr.ª D. Carlota Serpa Pinto (Clarinha) sobre o seu novo livro «CINCO HORAS...»

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

"SANGRE Y ARENA"

AS TOURADAS

Vamos ter em Portugal touros de morte?

"Se continuarem a proibi-los, acabam as touradas em Portugal"

O "Diario de Lisboa" ouve o "ganadero" sr. José de Vasconcelos

No meio do feroz e materialista egoismo do seculo, o toureio é o unico resto de beleza que nos deixaram. Nele ha elegancia, emoção, heroismo.

Desde o primeiro *paso doble* da fanfarra até ao minuto supremo em que a fera cai, estorcendo-se, na ancia de morrer matando, a tourada é um espectaculo ardente, cheio de côr, de pitoresco, de vida.

Tal como se está vendo frequentes vezes em Portugal, porém, a tourada perde todo o interesse, e faz-nos perder todo o entusiasmo.

A elegancia, a bravura, o profundo saber dos nossos cavaleiros, a audacia dalguns raros forcados e uma que outra coisa bem feita dos peões, valendo muito, não conseguem, porém, suprir dois dos melhores elementos que dão alma a uma corrida: as hastes limpas e, principalmente, a morte do touro.

Assim como não faz sentido uma obra sem finalidade, não se compreende a lide dum touro sem o remate natural.

Os diferentes *tercios* ligam-se perfeitamente, como anilhas duma corrente.

Desde os lances de capote até á preparação do animal para morrer, os nervos crispam-se, os olhos ensanguentam-se, a massa humana vibra toda... A estocada final é o necessario remate, o ponto final que os nossos nervos, os nossos olhos exigem.

Roubar-no-lo é matar o toureio, é rebaixá-lo, é roubar-lhe toda a vida...

O toureiro é o cavaleiro actual. E' ele quem mais se arrisca, quem melhor sabe morrer, com arte, com beleza. E quando cai, despedaçado, nas hastes da fera, leva sobre o seu caixão alguma coisa que vale mais que a propria dôr da colhida: as flôres e as lagrimas das mulheres...

Quem dera morrer assim, olhando o sol, sentindo a gloria a beijar o corpo já moribundo!...

* * *

De vez em quando, o jornalista, para fugir á vida citadina, vai até á provincia, retemperar-se, civilisar-se. Foi assim que ha dias, na Golegã, encontrámos o conhecido e importante criador de gado sr. José de Vasconcelos.

Veiu á baila a questão dos touros de morte, a eterna questão que nunca mais se resolve, com grande pezar dos *aficionados*.

O sr. José de Vasconcelos, como todos os criadores de gado, como todos os que vibram com a *festa*, é intransigentemente, devotadamente, partidario dos touros de morte:

—Uma tourada assim, sem a parte culminante, é como um corpo sem cabeça; não vale nada. Só se compreende a tourada *de verdad*, com toda a emoção que ela é capaz de darnos, na plenitude da sua beleza...

—A União dos Creadores de Gado ofereceu o ano passado...

—Sim, 6 touros, com a condição de serem mortos na praça. Cada um deles de seu lavrador. A oferta foi feita á Casa dos Jornalistas.

—E foi aceite?

—Não se interessaram por isso como deviam.

—Que me diz ao facto de já se lidarem touros *en puntas*?

—E' alguma coisa, mas é muito pouco. O que é necessario restabelecer, se não querem que as touradas acabem em Portugal, é a morte do touro.

O nosso entrevistado anima-se, toma côr. Vê-se que os seus olhos evocam tardes de gloria, tardes de nervos, nas praças espanholas, com o sangue empapando a arena e os matadores levados em triunfo pela loucura da *aficion* delirante...

—Acha que a ideia é bem recebida pelo publico?

O sr. José de Vasconcelos quasi se indigna:

—Mas absolutamente. Ainda não vi um *aficionado de verdad* que não ache indispensavel, para o prestigio, para a salvação do toureio, a permissão da *sorte final*.

—Ha, contudo...

—Olhe: até mesmo na praça, já tenho ouvido pessoas protestando contra aquilo a que chamam *uma barbaridade*. Mas esses são os que vão para os touros como quem vai para uma *matinée* de qualquer academia recreativa...

—Quem mais se opõe ao restabelecimento da morte do touro...

—E' a Sociedade Protectora dos Animais. Ainda hoje...

E mostra-nos uma local, onde se diz que a referida Sociedade oficiou ao chefe do distrito de Lisboa, «pedindo que não seja permitida qualquer violação á portaria 2.700 publicada no «Diario do Governo», de 6 de Abril de 1921».

O nosso entrevistado comenta:

—Não pode ser! Houve fatalmente um equivoco, originado talvez na fraca memoria do secretario da Sociedade... O que lhe mandaram lembrar ao sr. Viriato Lobo, foi certamente toda a legislação em vigor sobre corridas de touros.

—E nesse caso...

—O sr. secretario devia ter pedido ao ilustre chefe do distrito que não permitisse qualquer violação á lei de 30 de Junho de 1837, ao decreto 5.650 de 10 de Maio de 1919, e, finalmente, á já estafada portaria 2.700. O sr. secretario, porém, já está mais *estafado* do que a propria portaria—e só a ela se referiu.

—Pela letra do decreto 5.650...

—Reforçada com a forma de pensar exteriorizada pela direcção da Protectora, o autor do oficio viu-se tão atrapalhado, no meio da inextricavel confusão, que foi obrigado a agarrar-se apenas á *esclarecida* portaria.

—A União dos Creadores de Gado replicou ha tempos á Protectora, não é verdade?

—E'. E, a proposito: — não seria mau perguntar ao secretario quando se decide a passar a limpo a resposta da Sociedade...

O sr. José de Vasconcelos despediu-se de nós com um forte aperto de mão, leal e franco. E. lá se foi, entusiasmado pela ideia que lhe fôramos despertar de ver novamente em Portugal uma tourada completa.

Antes de terminar, não queremos deixar de esclarecer que em toda a conversa na defesa dos touros de morte, o sr. José de Vasconcelos não se referiu sequer á barbaridade, perfeitamente escusada e sem beleza, do estripamento dos cavalos. Falou-se só no toureio a pé, sem picadores.

Alegrem-se os *aficionados!* Ou nos enganamos muito, ou não tarda que tenhamos em Lisboa uma tourada *formal!*—*F. C.*

NO TEATRO POLITEAMA

A PEÇA "A MENINA VIRTUOSA"

de Paso e Abati

Algumas considerações á companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

A *Menina Virtuosa*, de Paso e Abati, não é uma comedia feliz. Tem de mau o entrecho, o dialogo, as scenas. Situações que já fizeram época, em teatro do genero, já lá vão vinte anos; personagens sem caricatura, recortados em cartão; observação, ausente. A peça é uma semsaboria. O primeiro acto deixa o espectador frio e indiferente; os outros dois um pouco mais animados pela farça que possuem levada quasi aos limites do extraordinario.

Ester Leão foi correcta no seu papel. Teve uma bela entrada no primeiro acto. Apareceu em scena com alegria, com juventude, figura quasi miraculosa na graça do seu corpo e nas flôres que lhe encobriam o peito. Depois já uma menina virtuosa, toda de seda preta, viveu deliciosamente um tipo de ingenua de nervos dilacerados pelo amor. Ainda que deslocada do seu genero predilecto de teatro, Ester Leão soube viver o papel que confiaram ás suas brilhantes qualidades de artista moderna. Gil Ferreira, que é um belo actor de comedia, encheu de graça a *Menina Virtuosa*, emprestando-lhe o que ela não tinha: alegria. Constança Navarro é um *figurine* adoravel. Muito linda e muito fresca. Carvalho, que foi o galã, não nos agradou. Esgrimia no ar os braços; teve entoações falsas e mascaras que irritavam. Devia confiar a sua cabeça aos cuidados do cabeleireiro. Os outros maus. As marcações nem sempre boas. Os autores em chusma, pareciam estar numa feira de aldeia. A *mise-en-scéne* cuidada.

* * *

Algumas considerações:

Não se compreende qual a razão por que Rey Colaço e Robles Monteiro, dois artistas de valor, sujeitaram o publico que os admira a ouvir ontem aquela farça insipida que se chama a *Menina virtuosa*. A companhia, que conta elementos de valor, pode muito bem abalançar-se a interpretar peças de reconhecido valor artistico e não fazer *reprises* de peças que nada dizem, que nada valem e que predispõem mal o publico. O publico é um valor. Não admite já hoje a farça ou o trabalho artistico como especulação comercial. Rey Colaço e Robles Monteiro, artistas de reconhecido merito, muito da nossa simpatia, não deviam desvalorizar o seu esfôrço, representando comedias já cheias de bafio em que os seus dotes artisticos, por elevados, não cabem. Anunciam-nos para breve, no Politeama, o *Segredo*. Mais uma *reprise*... E lembrar-se a gente que ha tanta coisa boa para desempenhar!

O conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria do Interior, durando a sessão desde as 11 horas até ás 13,50. Segundo nota oficiosa, o conselho ocupou-se de assuntos de expediente da administração publica.

OBJECTOS FURTADOS?

O agente Mira, da 1.ª secção da policia de investigação, apreendeu, numa ourivesaria na rua da Prata, da firma Barbosa & Esteves, um magneto e uma bomba de ar, objectos que se suspeita fossem furtados.

Os Teatros

A festa da actriz Laura Costa

Esta noite, no Salão Foz, festeja-se Laura Costa, uma das mais queridas e formosas artistas do teatro português.

Figurinha preciosa, boneca animada que sente a sua Arte e sabe transmiti-la, limpida e perfeita, de forma a entusiasmar o publico, Laura Costa ganhou no seu cora-

Laura Costa

ção uma simpatia bem enraizada que sempre se traduz em aplausos calorosos e sinceros ao seu talento de artista.

A endemoninhada actriz desempenhará no espectaculo de hoje, além dos habituais papeis que lhe foram confiados no «Piparote», os novos numeros «Florinhas da Rua» e «Novo fado do amor». Angela Barros dirá canções francesas.

Conselho de Arte Teatral

A propasito da noticia que ante-ontem publicámos, recebemos do actor Casimiro Tristão, que muito tem pugnado pelos interesses da sua classe, uma carta de que gostosamente publicamos alguns trechos:

Sr. redactor.—A proposito da noticia que o seu brilhante jornal publicava ante-ontem, permita V. que, em nome da verdade, aclare o assunto. O Gremio dos Artistas Dramaticos existe. Os seus estatutos estão aprovados pela classe, pelo governo, e o seu Alvará o certifica, com as assinaturas de S. Ex. o sr. Presidente da Republica e do então Ministro do Trabalho sr. Bartolomeu Severino.

E' Presidente da Assembleia Geral o ilustre actor Eduardo Brazão. Logo após a sua existencia juridica e a meu pedido, foi convocada a Assembleia Geral, exclusivamente para se proceder á eleição do delegado da classe junto do Conselho Teatral.

Essa reunião realizou-se no Teatro Nacional, sendo a mesa constituida pelo seu Presidente, actor Eduardo Brazão, secretariado pelo falecido artista Ignacio Peixoto, pelo actor Estevam Amarante e, por deferencia especial da Assembleia, pela ilustre actriz Virginia.

Fui eu quem, nessa sessão, propoz para delegado junto do Conselho, o nome do Presidente, o que foi aprovado por aclamação.

Creio que os artistas dramaticos não podem estar melhor representados.

A eleição foi por mim notificada a quem de direito... para os devidos efeitos.

Todos os documentos: actas, estatutos, alvará, propostas assinadas por centenas de artistas, tudo, emfim, quanto diz respeito ao Gremio, estão em meu poder, na minha qualidade de secretario da sua Comissão Instaladora, eleito pela classe, e ao dispôr de quem os queira lêr.

A séde provisoria do Gremio é no Teatro Politeama, de ha muito cedido para esse fim, pelo seu proprietario, sr. Luis Pereira.

De V. etc.

Casimiro Tristão.

Por dever de lealdade e para que não possam sepostas em duvida as honestas intenções que determinaram a publicação da nossa local de ante-ontem, parece-nos justo dizer que a pessoa que nos afirmou a não existencia do Gremio foi o sr. Boavida Portugal.

Atrás do reposteiro

O actor Eduardo Brasão deve passar o verão no Porto a «filmar», para a Invicta, o «film» «Pupilas do sr. reitor», fazendo seu filho o «galã».

—Fechou definitivamente contrato para ir ao Brasil, com a companhia Alves da Cunha, o actor João Lopes.

—Os dois notaveis comicos da companhia espanhola realizam as suas festas no Eden-Teatro: Pedro Barreto, na segunda-feira, com a zarzuela «El niño judio» e um acto de variedades, e Luiz Ballester, na terça-feira, com «El pobre Valbuena», «Patria chica» e «El fresco de Goya».

—Sobe ámanhã á scena no Nacional a peça de Afonso Gayo «O condenado», tragedia rustica passada nos arredores de Leiria. O «film» extraido desta peça exibe-se ao mesmo tempo no Salão Olimpia.

—Deve resolver-se esta semana o caso da nomeação de Samwel Diniz, Clemente Pinto e Irene Grave para societarios do Nacional.

—Parte hoje para as Caldas da Rainha o distinto escritor Ernesto Rodrigues, que, com os seus colegas Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão, concluiu já a revista «Lua nova», com destino ao Maria Vitoria, no Parque Mayer.

—São os seguintes os artistas que se desligam da companhia Gomes, no Brasil, regressando a Lisboa em setembro: Justina de Magalhães, Irene Gomes, Antonio Gomes e Alvaro Pereira.

LANIFICIOS

PREÇOS DE FABRICA

JAIME PINTASILGO

COVILHÃ

Pede aos Ex.mos Clientes e Amigos de Lisboa o favor de visitarem o escritorio dos seus

AGENTES

SERRA, NEVES & ESTEVES

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 140, 2.°

TOLDOS

Para estabelecimentos, janelas, terraços, embarcações, jardins e praias

EXECUÇÃO, REPARAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ENCERADOS

Para vagons, camions, barcos, maquinas e carroças

VENDA E ALUGUER

Aparelhos em navios e ascensores. Costuras em cabos de linho, pita e arame.

Balões para defença, boias salva-vidas, coletes de salvação, etc.

Redes para Tenis e Foot-Ball, Lonas, Brins, Colões, Bandeiras, Cabos e mais aprestes para embarcações.

A ACTIVA

RUA 24 DE JULHO, 8, 8-A, 8-B

FUNDADA EM 1884

Telefone-C. 3474 e 1601 — Telegramas ACTIVA

COMPANHIA PORTUGUESA DE CEREAES

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL { Autorizado Esc. 5:000.000$00 / Realizado Esc. 1:000.000$00

ESCRITORIOS

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.° e 2.°

LISBOA

Tele { fone: Central 3390 / gramas: «CEREAES»

ARMAZENS

A — Rua Vieira da Silva, 115 — LISBOA

B — Largo S. Antonio da Sé, 22 — LISBOA

C — Rua Miguel Pais, 9 — BARREIRO

VENDEM

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

CEREAES E LEGUMES

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

FUERTES, LIMITADA

Secção de leilões e liquidações

62--P. DOS RESTAURADORES--68

TELEFONE — NORTE 3171

Liquidações de fabricas, oficinas, casas particulares, espolios e stocks de mercadorias em armazem e na Alfandega

Leilões nos domicilios -- Venda em leilão e em particular no salão de vendas, para o que recebe moveis, objectos de arte, antiguidades, etc.

Venda de propriedades em leilão e em particular

COMISSÕES REDUZIDAS, LIQUIDAÇÕES EM 24 HORAS

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.°

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346

TELEGRAMAS:---GALVANICA

ARMADURAS ESTANQUE PARA ILUMINAÇÃO PUBLICA

KÖRTING & MATHIESEN A. G.

ELECTRICIDADE PORTATIL

Lampadas d'algibeira, Bastões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO — *Rua Augusta, 72 e 74* LISBOA

Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

Dentes artificiais

BERNARDINO NUNES

Rua da Palma, 40, 1.°

Muito mais baratos, de origem alemã e ::importação directa:: Colocam-se aptos á mastigação, sem despeza de extracção ou ::::::: consulta :::::::

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA-ALTA

CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical da: **Bronquite, doenças do coração,** flebitos, peles, gota e reumatismo artritico

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.ª ordem

ABERTURA 1.° DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

UMA ENTREVISTA ATERRADORA

A FOME RUSSA

e o que se passa em Kief

«Antes que se faça com que desapareça a fome hão-de morrer muitos milhares de pessoas»

BERLIM, 9

Foi recebido nesta cidade um exemplar do jornal «Correio de Varsovia» em que vem publicado um artigo sobre a fome em todo o territorio da Russia revoltada.

O autor do artigo conseguiu entrevistar um dos comissarios do povo. Algumas palavras:

«A situação actual não tem remedio e nenhum socorro da Europa nem da America pode atacar o desastre, que está iminente».

Os americanos residentes em Kief dispõem-se a abandonar a cidade porque se encontram na impossibilidade de nada fazer a favor da região.

«A catastrofe economica — diz ainda o comissario bolchevista — não diminue. Pelo contrario, aumenta com terriveis proporções. A preocupação constante dos «Soviets» é adquirir meios de transporte, mas não há esperança alguma de os conseguir.

«Admitindo que a Europa venha em nosso auxilio, ser-nos-há materialmente impossivel chegar ás regiões onde não existem caminhos de ferro.

«Em cidades tão importantes, como a de Kief, não há agua, nem petroleo, nem gaz. Em algumas ocasiões que se consegue agua, ela custa de 200 a 300.000 rublos o metro cubico.

«Os lavradores preferem deixar-se fuzilar a entregar um quilo de trigo».

O comissario sovietista assegura, no final da entrevista, que, antes de desaparecer a fome nos territorios russos, devem morrer muitos milhares de pessoas. — *(Diario de Lisboa).*

O tratamento aos sacerdotes

NEW YORK, 8.

O Episcopado das igrejas dos Estados Unidos enviou ao governo dos *soviets* um severo protesto contra o tratamento que tem sido dado ao patriarca Fikau, revoltando-se a consciencia dos cristãos contra tal injustiça.—(L. A.)

O IMPERIO DE LENINE

O futuro da Russia

PALAVRAS DE KRASSINE: «Se nos fossem concedidos creditos, dentro de dois anos não haveria fome»

A respeito de Lenine propalaram-se os seguintes boatos principalmente via Berlim: que tinha morrido, que estava a morrer, que tinha sido deposto, que tivera uma congestão cerebral, uma enterite, que tinha enlouquecido, e já se havia dito que padecia dum cancro na garganta.

Conforme haviamos previsto tratava-se de mais um boato. E' de crêr que Lenine não tivesse tido sequer uma constipação. O ultimo telegrama recebido a esse respeito diz que o ditador quasi entrou em franca convalescença, não de nenhuma das doenças acima mencionadas, mas de indisposições gastricas de certa gravidade...

Com efeito, era muita doença para um homem só. Qualquer dia, dentro de mais ou menos tempo, não sabemos, é natural que Lenine morra; sim, o seu poder ainda lhe não permite o eximir-se a essa lei geral... Nessa altura, até a mais ingenua das creaturas encolhe os ombros com um sorriso entendedor e diz:

—Ora! estão a brincar com a gente! Já disseram isto tanta vez...

* * *

As palavras de Krassine ditas a um redactor do *Telegraph*, de Amsterdam, sintetisam a ideia que muita gente começou a ter do futuro da Russia, quando a conferencia de Genova fez aparecer a sua situação debaixo dum aspecto sensivelmente oposto ao anterior.

«Se nos forem concedidos creditos, disse Krassine, dentro de dois anos deixará de haver fome no meu país, dentro de cinco abasteceremos a Europa de cereais, dentro de vinte e cinco seremos uma nova America.»

O certo é que os creditos ainda não foram concedidos e as actividades de grande numero de nações já se dirigem não com intenções apenas, mas realmente para a Russia.

Já não falamos da Alemanha, cuja situação especial em relação á Russia, ambas unidas num desejo de salvação desde que as quizeram tratar como vencidas para sempre, faz com que todas as manifestações vitais duma procurem combinar-se com as da outra, para num auxilio mutuo se assegurarem o renascimento.

O que se passa com a Italia é pelo menos tão importante como o que se passa com a Alemanha, porque a Italia não estava com a corda na garganta, era uma nação como a generalidade das nações europeias:

Para a Russia seguiram já 50.000 italianos que vão tomar posse dos territorios cuja exploração lhes é concedida pelo acôrdo italo-russo. O trabalho destes homens e de outros que lhes seguirão o exemplo será uma base da reconstituição russa, mas não representa menos uma solução imediata da crise do trabalho em Italia, e uma fonte de riquesa futura para a sua patria.

* * *

Importantissimos detalhes do acôrdo anglo-italiano:

A concessão durará vinte e quatro anos, ao fim dos quais poderá ser renovado. A cooperativa concessionaria deverá ter a terra em exploração dentro do espaço de seis anos, e pagará ao governo russo uma determinada percentagem da colheita e do gado.

Não pagará impostos presentes nem futuros. O governo russo garante a inviolabilidade dos bens, e só em casos absolutamente excepcionais mencionados no contracto é que o governo poderá requisitar 60 por cento dos produtos.

Não serão cobrados direitos de alfandega sobre nenhuma mercadoria necessaria para valorisar as concessões, e a exportação de metade dos produtos será livre, ficando a outra metade á disposição do governo russo, que a pagará em rublos-ouro.

A cooperativa concessionaria terá de preferencia na exploração das minas de petroleo ou de quaisquer outros minerais do sub-solo da concessão e das florestas vizinhas dos territorios cedidos.

Metade da mão de obra será obrigatoriamente local, metade poderá ser italiana. Em caso de litigio, a questão será entregue a um tribunal arbitral.

E' inutil dizer que, perante vantagens desta natureza, e a riqueza enorme do solo e sub-solo da Russia, não faltarão italianos que desejem ir para a Russia, nem é de espantar que os industriais das outras nações ponham de parte quaisquer considerações que os inibam de ir tomar o seu logar naquela fonte certa e unica de riquesa.

A VIAGEM DO REI DE ESPANHA

OS OPERARIOS

da cidade de Barcelona

fazem uma importante manifestação a Afonso XIII quando da sua partida para Madrid

MADRID, 9

O discurso que o rei pronunciou ontem em Barcelona é o tema obrigado das conversações e da aprovação unanime em todos os centros, assim como nos jornais de todos os partidos. Da mesma cidade dizem que o rei e o presidente do conselho regressaram a Madrid no combolo das 8 horas da noite e que uma enorme multidão foi á estação do caminho de ferro para se despedir do rei, ovacionando-o calorosamente. A população daquela cidade apreciou de uma maneira muito particular a simplicidade que caracterizou a visita do rei, o qual se empenhou em tirar-lhe todo o cunho da frieza protocolar e em lhe imprimir o cunho da cordialidade, o que conseguiu inteiramente, sendo uma prova disso as continuas manifestações da mais viva simpatia que lhe foram prodigalisadas por todas as classes sociais, principalmente pela classe operaria na ocasião do seu regresso a Madrid.—(H.)

A politica italiana

ROMA, 8.

A camara dos deputados aprovou a politica exterior do governo por 209 votos contra 67.—(H.)

ROMA, 9.

O partido popular declarou estar pronto a colaborar com o partido socialista num gabinete presidido por Nitti.—(L. A.)

APOLO Telef. N.-4.129

O mais recente e brilhante dos exitos, a famosa revista

PORTO, tantos de tal

Aplausos entusiasticos todas as noites. A admiravel apoteose do carro electrico em andamento, continua causando sensação — Brevemente: A VIDA, peça absolutamente desconhecida em Lisboa.

Marcam-se bilhetes para a «première».

EDEN-Teatro

Companhia Espanhola Barreto Ballester

Hoje — As 21 horas (9 da noite) prefixas

Ultimos espectaculos

3 graciosissimas zarzuelas do «genero chico» Pela primeira vez

A popularissima **Verbena de la Paloma** repetindo-se a **La Enseñanza Libre** que ontem conquistou entusiasticos aplausos, indo, tambem, á scena, a verdadeira fabrica de gargalhada **EL AMIGO MELQUIADES**

Ordem do espectaculo

1.º Melquiades; 2.º Verbena; 3.º Enseñanza

Estão suspensas as entradas de favor

Segunda-feira, 12 — Penultimo Espectaculo da Companhia de zarzuela — Festa artistica do primeiro actor PEDRO BARRETO

Terça-feira, 13 — Ultimo Espectaculo da Companhia — Festa artistica do primeiro actor LUIS BALLESTER

Quarta-feira, 14 — ESTREIA

ARANHAS NEGRAS

grandioso «film» de aventuras em 5 jornadas

PRATAS PORTUGUESAS

Em todos os generos e de todas as epocas, de desenho e execução dos nossos melhores artistas. O maior sortido de actualidade com preços estabelecidos no firme proposito de provocar confrontos. Rua do Amparo, 106, 106-A e 108. N. B. Casa com esta taboleta:

OURIVESARIA

NASCIMENTO & PINTO

Telefone N. 5119

Telefone C. 3033 — SOUZA, MOURA & C.ª, L.DA — End. Tel. «SOURA»

CASA BANCARIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

"DIARIO DE LISBOA" {Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

Todas as noites no

AVENIDA

A maluquinha de Arroios

Grande sucesso

Brilhante desempenho

Companhia Cremilda - Chaby

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — ás 8,30 da noite — HOJE

—— Espectaculo de acionistas ——

Ultima exibição da 2.ª e ultima jornada do «film» de grande sucesso

ATLANTIDA

e do magnifico e sensacional

Combate de «box» Criqui contra Ledoux

Ultima semana da notavel cançonetista de transformação e fantasia

ZORONDO LA BELLA

Luxo Arte Elegancia

A'manhã e domingo — Grandiosas matinées — A' noite — Todo o emocionante «film» (2 jornadas)

ATLANTIDA

POLITEAMA

Empresa Luis Pereira

Telef. N. 3028 A's 21,30

—— COMPANHIA ——

Amelia Rey Colaço - Robles Monteiro

A menina virtuosa

Grande sucesso de gargalhada

TODAS AS NOITES

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A TARDE PARLAMENTAR

Os T. M. E.

e a discussão do contra-projecto

Ordem do dia: orçamento do ministerio do Commercio, cujo parecer contem propostas de reducções de despesas.

* * *

Mesmo depois de ter soado a hora regimental é problematico conseguir numero,

Regista o cronista protestos veementes contra a falta de numero dos srs. Sá Pereira e Cancela de Abreu.

Depois de muitos compassos de espera, entra-se no antes da ordem, com a presença de 36 deputados sob a presidencia do sr. Nunes Loureiro.

* * *

O sr. ministro do Comercio continua no uso da palavra. O assunto de interesse : o contra-projecto dos Transportes Maritimos.

O discurso do sr. Lima Basto é longo. Ha que reduzi-lo ás principais frases.

—A minha proposta fornceeu em parte as bases do contra-projecto da comissão de commercio e industria. Ha divergencias apenas quanto ao numero de carreiras impostas á entidade adjudicataria e á questão do subsidio dos cofres publicos á companhia ou empresa que tome conta da frota mercante do Estado.

O sr. Lucio de Azevedo interrompe de quando em quando o ministro.

O sr. dr. João Camoezas, aborrecido de tantas interrupções, pergunta:

—Mas afinal quem é o relator do contra-projecto?

O relator é o sr. Velhino Correia, que está calado, justificando o cabimento do áparte do sr. João Camoezas.

* * *

Mais ápartes são jogados.

O sr. Lucio de Azevedo, ripostando a considerações judiciosas do sr. Lima Basto:

—Havemos de conversar!

O sr. Lima Basto:

—Sempre que v. ex.ª queira!

* * *

O sr. ministro do Comercio dá por findas as suas considerações ácerca do contra-projecto. Seguidamente os srs. Velhinho Correia e Lucio de Azevedo pedem que seja chamado á responsabilidade o autor dum artigo hoje publicado numa gazeta matutina, no qual, a proposito dos T. M. E., lhes é feito um violento ataque.

* * *

Telegrama recebido na mesa:

«Presidente da Camara dos Deputados de Portugal—Lisboa.

Em nome da Camara dos Deputados Brasileiros e cumprindo um voto proposto pelo deputado sr. Francisco Valadares, unanimemente aprovado, congratulo-me com a nobre nação portuguesa e a sua gloriosa marinha pelo feito que acaba de ser realizado pelos dois já agora inesqueciveis aviadores lusitanos Sacadura Cabral e Gago Coutinho, aproveito o ensejo para apresentar a v. ex.ª as minhas saudações. (a) *Azevedo*, presidente Camara Deputados».

Resolvido, depois de discussão entre os srs. Agatão Lança e Morais de Carvalho, com intervenção catolica do sr. Lino Neto, enviar um telegrama de agradecimento ao presidente da camara dos deputados brazileira.

Os acontecimentos de 19 de Outubro

Cerca das 16 horas foram ouvidos pelo sr. dr. Almeida Ribeiro, juiz auditor do Supremo Tribunal Militar Territorial, o capitão de fragata sr. Procopio de Freitas e o capitão Pires Falcão.

Roubo de um "coupon"

Foi preso Alberto Gomes da Fonseca, rua Particular, 2, porque, sendo empregado na casa bancaria de José Augusto Dias, na rua do Ouro, dali furtou um «coupon» no valor de 25 libras que vendeu a um individuo de nome Mendes.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

EM TERRAS DE SANTA CRUZ

Cabral e Coutinho

são delirantemente ovacionados nas ruas da cidade da Baía

400 SINOS REPICAM DURANTE CINCO MINUTOS

BAÍA, 9.—A' chegada dos aviadores as manifestações foram indescritiveis. Nunca se viu tanto entusiasmo nesta região.

Os sinos das 400 igrejas da cidade repicaram festivamente, durante cinco minutos.

Nas ruas improvisavam-se constantemente manifestações a Portugal e aos aviadores.

Os cafés fôram invadidos pela multidão, falando varios oradores, entre vivas e cantos. Os hinos português e brasileiro eram entoados em côro.

Os aviadores jantaram no palacio do governo. Em seguida fôram ao teatro Politeama, realizando-se ali uma sessão solene em sua honra. O Instituto Historico concedeu-lhes o titulo de socios honorarios.

As aclamações atingiram o delirio.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral, profundamente comovidos, num brinde cheio de simplicidade, pediram ao povo que os considerasse brasileiros pelo coração.

As palavras dos herois morreram num mar de aclamações que atingiram as raias da loucura.

Não ha palavras que possam descrever o entusiasmo que reina nesta cidade.—(Correspondente.)

Os festejos organizados pelo Ministerio da Marinha

Foi mandado publicar em ordem da armada, o seguinte cerimonial maritimo, por occasião da chegada ao Rio de Janeiro dos aviadores:

«Na tarde em que se receber a comunicação da chegada ao Rio de Janeiro, se fôr antes do pôr do sol, os navios armados embandeirarão nos topes e darão uma salva de 21 tiros, os que o possam fazer. A' noite iluminarão, como lhes seja possivel, bem como os edificios dependentes do ministerio da marinha.

No dia seguinte, embandeirarão em arco, salvando com 21 tiros ao meio dia; os edificios dependentes do ministerio içarão a bandeira nacional, e nos navios e estabelecimentos de marinha será feita, por um oficial, uma conferencia alusiva ao acto. Haverá melhoria de rancho nesse dia. A' noite iluminarão os navios e os edificios que o possam fazer, e, caso a noticia chegue de manhã, far-se-ha nesse dia o que fica em segundo logar anteriormente determinado».

* * *

Começaram a ser retiradas do Terreiro do Paço algumas das ornamentações ali montadas pela grande comissão das festas da cidade em honra dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O cruzador "Republica"

O cruzador *Republica* chega ámanhã, depois do meio dia, á Baia do Cabral, a fim de ali aguardar a chegada do avião, para lhe dar assistencia.

A ansiedade em Maceió

MACEIÓ, 9.—A população esperava com indiscritivel ansiedade a amaragem do *Fairey 17*, a fim de festejar os aviadores, para brindar os quais fôra aberta uma subscrição que rendeu 30 contos.—(A.)

O Recife e os aviadores

RECIFE, 9.—Os aviadores, antes de se elevarem no espaço, agradeceram ao povo o acolhimento que lhes foi feito e lamentaram as circunstancias que os forçavam a uma tão curta demora na capital de Pernambuco, cujas belezas naturais não se cansaram de encarecer.

O entusiasmo não arrefeceu com a sua partida. As exteriorizações de alegria continuam ininterruptamente, tendo provocado grande comoção o despacho que comunicou a amaragem do *Fairey 17* na Baía.—(A.)

GAZOZAS DE FRUTAS
Efervescencia e aroma garantidos
REFRESCO AGRADAVEL E ESTOMACAL DE LIMÃO, BANANA, ANANAZ E TANGERINA
Pedidos a RAUL VIEIRA, L.DA
RUA DA PRATA, 51 TELEFONE 3586 e 2194 C.

300.000$00
Santo Antonio milagroso,
Que os santos todos ensina
E o azar em sorte muda,
Fará o milagre famoso
De colocar a «taluda»
Na feliz casa do PINA.
Extracção em 16 de Junho
PEDIDOS A
Costa, Limitada
RUA DE S. PAULO, 75 e 77
Tel. 3486 C. — LISBOA

ENTRE DIPLOMATAS

Um almoço

oferecido pelo ministro da Noruega

Realizou-se hoje no palacio da legação da Noruega, um almoço diplomatico oferecido pelo ministro daquele pais em Lisboa, ao sr. Barbosa de Magalhães, ministro dos Negocios Estrangeiros.

Assistiram ao almoço os ministros da Instrução Publica, Marinha, presidente da Sociedade de Geografia, sr. Jaime Athias, secretario da presidencia da Republica; sr. Santos Tavares, sr. almirante Brion, sr. Almeida d'Eça, sr. Ernesto Vasconcelos, dr. João de Barros, almirante Neuparth, adido militar da Noruega, etc.

Ao *toast* trocaram-se afectuosos brindes.

A companhia Lucilia Simões no Brasil

Por noticias recebidas do Rio de Janeiro, sabemos que o exito da companhia Lucilia Simões, de que faz parte o escritor Antonio Ferro, tem sido sem precedentes. A lotação das casas tem-se esgotado.

Desde o dia 24 de maio que a companhia trabalha no teatro Palace, só tendo levado duas peças á scena.

Os artistas encontram-se bem.

No 1.º Tribunal Militar Territorial

O julgamento dum oficial e de 3 praças

Por terem recorrido da sentença que os condenou no Tribunal Militar do C. E. P., são julgados pela 2.ª vez no proximo dia 14, no 1.º Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, acusados de abuso de confiança os seguintes militares: tenente miliciano Joaquim Marcelino Soares Moreira, 2.º sargento Emilio Costa Ferreira, 1.º cabo Alfredo Soares Silva e soldado Julio Ferreira da Silva.

ARTISTAS ESPANHOIS

Tiveram a gentileza, que agradecemos, de nos cumprimentar nesta redacção, os distintos artistas «Los Iman», dueto comico que na segunda-feira se estreia no Coliseu.

CAMBIOS

DIA 9

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	64$500	66$000
Londres, cheque	4 1|16	4
» 90 d. v.	4 3|16	—
Rio Londres	7 17|32	—
Paris	1$175	1$215
Italia	$672	$693
Bélgica	1$090	1$125
Suiça	2$477	2$555
Espanha	2$048	2$115
Berlim	$044	$050
Holanda	5$060	5$220
Nova-York	12$940	13$344
Austria	1|2	2
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1.250	1.350

UROL
DISSOLVENTE ENERGICO DO ACIDO URICO
CURA OS ARTHRITICOS E OS RHEUMATICOS

DEPOSITO GERAL
FARMACIA FORNOSINHO
DE ADRIANO GUEIFÃO FERREIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES 18 LISBOA